



CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA – Uniceub  
FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS – FASA  
CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL  
HABILITAÇÃO EM JORNALISMO  
DISCIPLINA: MONOGRAFIA  
PROFESSOR ORIENTADOR: LUIZ CLÁUDIO FERREIRA

## **Elementos da tragédia grega no jornalismo policial**

Um estudo a partir de reportagens sobre crime na Asa Sul, em Brasília

Ana Paula de Resende Coutinho

R.A.: 2071089/5

Brasília, novembro de 2010.

Ana Paula de Resende Coutinho

## **Elementos da tragédia grega no jornalismo policial**

Um estudo a partir de reportagens sobre crime na Asa Sul, em Brasília

Trabalho apresentado à Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas, como requisito parcial para a obtenção ao grau de Bacharel em Jornalismo do UniCEUB – Centro Universitário de Brasília.

Prof. esp. Luiz Cláudio Ferreira

Brasília, novembro de 2010.

Ana Paula de Resende Coutinho

## **Elementos da tragédia grega no jornalismo policial**

Trabalho apresentado à Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas, como requisito parcial para a obtenção ao grau de Bacharel em Jornalismo do UniCEUB – Centro Universitário de Brasília.

Prof. esp. Luiz Cláudio Ferreira

### **Banca Examinadora**

---

Prof. Luiz Cláudio Ferreira  
Orientador

---

Prof<sup>ª</sup> Edla Lula  
Examinador

---

Prof. Mário de Souza  
Examinador

Brasília, novembro de 2010.

## **Dedicatória**

A todos aqueles que me apoiaram neste projeto e a quem ele possa vir a colaborar.

## **Agradecimentos**

Agradeço primeiramente a Deus, pela vida.

Ao meu orientador Luiz Cláudio, que tanta força me deu durante este projeto.

A todos os professores que já passaram por minha vida acadêmica, desde a escola, até o fim da faculdade. Cada aprendizado é uma conquista.

Às amigas Mariana e Izabela, que foram minhas parceiras desde o início da faculdade. Seria difícil sem elas.

À minha mãe, Dione, pela oportunidade do estudo e pelo incentivo.

Ao meu pai, Marcelo, por me apoiar em tudo.

Aos irmãos Rodrigo e Enrico, pelo companheirismo de todos os dias.

Ao meu padrasto, Carlos, pela paciência e pelos livros emprestados.

À Chérie, minha Bichón Frisé, que me acompanhou durante as madrugadas em claro, escrevendo.

À minha família e aos meus amigos, pelo estímulo de sempre.

## Resumo

Este trabalho vai tecer uma comparação entre a cobertura jornalística de crimes e o gênero teatral da Tragédia Grega. Isso será possível por meio de uma análise de conteúdo, direcionada a sete das reportagens publicadas pelo jornal de maior circulação no Distrito Federal, o Correio Braziliense, que tratam do triplo homicídio e também latrocínio, então conhecido como Crime da 113 Sul. Estudos sobre jornalismo de espetáculo (sensacionalismo) e jornalismo policial, além de pesquisa histórica e caracterizadora do gênero teatral em questão, também foram inseridos nesta monografia, a fim de tornar compreensível o exame das matérias, bem como de fazer com que as pretensões do trabalho se confirmem de maneira satisfatória na conclusão deste.

Tenham todos um bom espetáculo.

*Palavras-chave:* Tragédia; Tragédia Grega; Jornalismo Policial; Sensacionalismo; Crime na 113 Sul.

## ***Sumário***

1. Introdução.....	página 08
2. A Tragédia Grega: contexto e composição.....	página 12
3. Jornalismo de Espetáculo.....	página 15
3.1. O Interesse Pelo Trágico.....	página 20
4. Jornalismo Policial.....	página 22
5. Análise de Conteúdo.....	página 25
6. Conclusão.....	página 29
7. Referências bibliográficas.....	página 30
8. Anexos.....	página 31

## 1. Introdução

Visto que as reportagens são publicadas de acordo com uma sequência de acontecimentos, como uma história, por vezes, contadas com começo, meio e fim, o presente trabalho nasceu do questionamento: as coberturas jornalísticas sobre assuntos policiais ou de segurança pública teriam elementos de continuidade e de dramaticidade como acontece com o gênero teatral da tragédia?

De acordo com Romilly (1998), a estrutura da tragédia grega é composta pelo prólogo (apresentação da ação), párodos (entrada do coro), episódios (partes dramáticas) que se intercalam com os estásimos (partes cantadas pelo coro) e, por fim, o êxodo (moralização e saída).

Segundo Lage (2000), as reportagens (escritas para jornais impressos diários), em geral, contêm título, subtítulo, lide (primeiro parágrafo o texto, onde são apresentados os principais acontecimentos: o que, quem, onde, quando, por quê...), a notícia, intercalada com depoimentos (dos envolvidos) e com entrevistas (com personagens e fala povo, quando pessoas de fora do caso dão opiniões a respeito) etc.

Se interusermos as duas estruturas, podemos enxergar semelhanças e equivalências. Por exemplo, a narrativa da tragédia intercala entradas do coro, que está de fora da trama, mas nela intervém.

“O coro, pelo lugar que ocupava, permanecia, de certa forma, independente da ação em curso; ele podia dialogar com os atores, encorajá-los, aconselhá-los, temê-los, e mesmo ameaçá-los, mas ficava à parte.” (ROMILLY, 1998, p. 24)

Nesse caso, o coro equivaleria à opinião pública.

Para dar suporte ao trabalho, foi escolhido analisar o caso real do casal de advogados e sua empregada, assassinados na quadra 113 sul, em Brasília, no ano de 2009. A escolha se deu a partir do fato que o assunto teve desenrolar na mídia dia após dia, como se fosse uma história a ser contada em longo prazo.

Foram examinadas sete das reportagens a respeito do Crime na 113 Sul – como o fato ficou conhecido – publicadas pelo jornal Correio Braziliense que subsequiram o caso, fazendo comparações com a sequência de encadeamento de uma tragédia que é revelada a cada nova descoberta.



A intenção foi de relacionar o crime com fragmentos de peças conhecidas, tragédias de dramaturgos reconhecidos. Assim foi possível compreender a lógica da pauta jornalística.

Desde a época do teatro folhetinesco, quando os dramaturgos se inspiravam nas notícias publicadas em folhetins da corte para escrever suas obras, temas cotidianos são abordados em espetáculos teatrais. Entretanto, o estilo dos textos de Nelson Rodrigues, por exemplo, nos textos caracterizados pelo crítico Sábato Magaldi como Tragédias Cariocas, sempre foi muito criticado, por ser considerado forte, exagerado, drástico, rude, pesado, entre outros. Contudo, o autor trata de temas que hoje, fazem parte da realidade da nossa sociedade. Percorrendo o caminho inverso do Teatro de Folhetim, encontramos atualmente a mesma abordagem temática dos dezessete autos Rodrigueanos, estampados nos jornais.

O desfecho trágico é comum. (...) A morte raramente é natural. A violência comparece à quase totalidade dos desfechos trágicos (...), contudo, define um temperamento, ainda mais que ninguém expira por velhice, numa cama, cercado pelo conforto espiritual da família. Os crimes, em tantos casos, ocorrem dentro da própria família, no círculo das relações incestuosas (MAGALDI, 1992, p. 22)

A partir da análise das notícias, procurou-se conhecer o processo que deu origem a tais construções. Com isso, é possível compreender a intenção das inserções dos conteúdos e da estruturação escolhida. Partiu-se da premissa que as reportagens podem ser trabalhadas de forma que o espectador fique preso a ela até o final e ainda espere por próximas notícias correlacionadas. Ao estudar essa possibilidade, foi pesquisado como o procedimento de contar algo é feito nas representações teatrais trágicas, destacando semelhanças e diferenças não só no pré-processo, como no efeito causado no público.

A base teórica da pesquisa é fundamentada nos pensamentos filosóficos de Sófocles, Eurípedes e Ésquilo, acerca da Tragédia Grega.

Caberia ainda outro questionamento: Pode-se chamar a utilização da estrutura da tragédia em notícias de técnica jornalística?

Com essa pesquisa, pretende-se ajudar a refletir sobre isso ou, ao menos, levantar mais argumentos para mais discussão. A partir do momento em que fica explícito em quais situações é notória a introdução de técnicas

teatrais no jornalismo, o estudo deve servir aos jornalistas como base para o desenvolvimento e aprimoramento da técnica em favor da notícia e dos interesses envolvidos, como causar o impacto desejado ou soltar um furo no momento certo e da maneira mais conveniente.

Ao teatro também será válido de alguma maneira, pois, pode ser que o jornalismo também passe a influenciar o teatro, não necessariamente tomando o mesmo rumo do teatro de folhetim, mas servindo ao público como fonte de informação, utilizando técnicas de apuração e de entrevistas, por exemplo.

Ao público em geral, o estudo será proveitoso para que ele passe a enxergar os elementos teatrais inseridos nas produções jornalísticas de forma consciente, a fim de, com o discernimento adequado, dominarem os efeitos causados pelos artifícios em questão e desenvolverem um senso crítico mais embasado a respeito das notícias.

O objetivo geral da pesquisa foi comparar, entender e relacionar a cobertura jornalística de fatos atuais com o gênero da Tragédia. Como específicos, delimitei:

- Conhecer melhor histórica e linguisticamente a Tragédia Grega;
- Relacionar o caso “Crime da 113 Sul” a obras trágicas do teatro; e
- Evidenciar como e por que o jornalismo se utiliza da estrutura da tragédia (gênero teatral) para noticiar fatos;

A abordagem teórico-metodológica a seguir refere-se não aos procedimentos adotados para a confecção do projeto, mas aos seguidos no processo de confecção da monografia. Trata-se dos caminhos os quais eu, como pesquisadora, precisei percorrer até chegar ao objetivo final da monografia.

A própria significação da palavra do método indica que sua função é instrumental, ligando dois pólos, a saber, um pólo de origem ou ponto de partida (estado de ignorância), outro pólo de destinação ou ponto de chegada (estado de conhecimento) - (BITTAR, 2001, p. 7).

A pesquisa que se concretizou é caracterizada por um estudo de textos teatrais do gênero Tragédia, relacionada à cobertura feita a respeito do conhecido caso em que um casal de advogados e a empregada da família foram assassinados na 113 sul.

O método utilizado para investigar as representações estruturais da tragédia no jornalismo, bem como para alcançar os objetivos mencionados anteriormente, será a análise de conteúdo. Tal método se constitui por um estudo empírico, baseado em “uma técnica de investigação para a descrição objectiva, sistemática e quantitativa do conteúdo manifesto da comunicação” (Berelson, 1952).

## 2. A Tragédia Grega: contexto e composição

De acordo com as leituras para esta monografia, o teatro primitivo era composto de danças dramáticas, sempre com temas ligados ao cotidiano ou como parte de rituais. Serviam principalmente para integrar celebrações de agradecimento ou perda. Logo essas manifestações evoluíram e passou-se a encenar os mitos. Era feito nas ruas, até que se percebeu a necessidade de um lugar específico para as apresentações.

O teatro grego teve seu ponto de partida nas homenagens a Dionísio, deus do vinho. Esses agradecimentos em forma de teatro ficaram conhecidos como *Ditirambos*. Da popularização do *Ditirambos* nasceu a tragédia na Grécia Antiga.

Segundo Aristóteles, essa foi uma das possíveis origens da tragédia. Ela é atualmente a mais aceita das três variantes apresentadas na *Poética* do pensador. Outra das versões trata o desenvolvimento do teatro grego e da tragédia como fruto das encenações dos *Mistérios de Eleusis*. Entretanto, para Aristóteles, a ascendência da tragédia grega ocorreu com as homenagens a Adrausto, herói de uma das principais tribos da Grécia Antiga, cujos integrantes eram conhecidos como *dórios*.

É a tragédia a representação duma ação grave, de alguma extensão e completa, em linguagem exonerada, cada parte com o seu atavio adequado, com atores agindo, não narrando, a qual inspirando pena e temor, opera a catarse própria dessas emoções (ARISTÓTELES, HORÁCIO, LONGINO, 1997, p. 24)

A catarse é o signo de purificação do ser, perante algo reprimido em seu interior. As tragédias gregas causam catarse ao público, ou seja, de alguma forma o espectador se identifica e se vê tão envolvido com a história, que passa a sentir as emoções da personagem, sofrer o drama dela, sem precisar vivenciá-lo. É como se a situação pela qual passa a personagem, desencadeasse sentimentos contidos na essência do público, no cerne de cada um ali presente, então personagens e público passam a compartilhar dos mesmos anseios. E estes anseios, antes presos no interior do receptor, uma vez libertados, por meio da transposição dos sentimentos da personagem para si, causam um efeito de purgação no ser, de limpeza, há uma descarga de tensões inconscientes trazidas para o consciente, gerando certo alívio.

A tragédia grega era inicialmente composta de apenas um ator e o coro. De acordo com as conclusões de Aristóteles, Ésquilo foi o primeiro a acrescentar o segundo ator à encenação e a reduzir as partes do coro, assegurando a anteposição da parte falada. Sófocles veio, em seguida, inserir o terceiro ator e o cenário às tragédias. Eurípedes teria multiplicado as personagens e os episódios, trazendo à realidade o que hoje chamamos de trama.

Romilly ousa classificar o papel dos personagens gregos ao colocar que “muitos destes têm a função de valorizar e variar a ressonância humana do drama, mas é claro que, no conjunto, eles também impõem à ação um movimento que precipita o ritmo e renova o interesse” (1998, p.40).

Sófocles conduz suas tragédias de maneira que, além de cultivar o interesse do espectador, ele sempre o desperta várias vezes durante as narrativas. Aristóteles classificou essas reviravoltas nas histórias como peripécias. Ao analisar a obra *As traquínias*, pode-se exemplificar essa característica de Sófoles, que passou a compor a estruturação das tragédias gregas.

Ela está à espera do marido. Eis que chegam as boas notícias: seu marido chegou, está vivo e prestes a encontrar-se com ela; todos estão felizes. As notícias, porém, eram incompletas. Um personagem mais bem informado acaba por revelar-lhe que seu marido está realmente de volta e vivo, mas acompanhado de outra mulher, pela qual está agora apaixonado. A notícia é evidentemente dolorosa, mas Djanira recupera a esperança acreditando trazer o marido de volta para si, graças a uma porção mágica. Restabelece-se, portanto, a esperança. Mas a droga destrói o pedaço de lã com o qual foi aplicada, e está de volta a angústia. E não sem razão, porque em seguida Djanira fica sabendo, por seu próprio filho, que ela na verdade provocou a morte do marido (ROMILLY, 1998, p. 39)

Ésquilo trabalhou o conteúdo de suas peças bem linearmente, de forma enfática ao convencional em tragédias da época. A constante renovação de interesse no público despertada é regida por previsões que vão crescendo como probabilidades durante a peça e se tornam certezas no desfecho. É comum encontrar em obras de Ésquilo, por exemplo, episódios nos quais não há novidades, em que quase nada acontece. Nesses casos, não é a surpresa que mantém a atenção do público, mas as constatações, já pressupostas, a cerca dos mesmos fatos.

A tragédia grega é basicamente composta pelo prólogo, no qual é apresentada a obra, seguido da entrada do coro, que é chamada de *párodos*, as partes dramáticas são os episódios que seguem intercaladas dos estásimos, como denominou-se as partes cantadas pelo coro, finalizando com o êxodo, caracterizado pela moralização e encerramento.

A importância do coro se pode notar no tamanho de seus cantos. Eles eram compostos de muitos versos e intercalavam várias cenas. Isso fora as aparições durante as cenas, junto com as personagens. O coro é necessariamente interessado nos acontecimentos, mas não pode executar qualquer ação que neles intervenha. A importância do coro das tragédias é tamanha, que muitas delas levam no título a composição do coro, como *As bacantes*, de Eurípedes, por exemplo, ou *As troianas*.

O coro não é absolutamente um elemento estranho à ação. Ela normalmente se concentra nele. É por ele, por intermédio dele, que ela pode tocar os espectadores. Fica claro tinha que intervir, suplicar, esperar e que, por fim, as suas emoções acompanhem, do início ao fim, as diversas etapas da ação.”  
(ROMILLY, 1998, p. 27)

Outrora são os heróis das tragédias, as protagonistas quem emprestam seus nomes às peças, como em *Antígona* e *Édipo rei*, de Sófocles. O valor das personagens cresce de acordo com as ações executadas. Em oposição à exagerada linearidade encontrada em Ésquilo, as tragédias contadas por Eurípedes e Sófocles trazem elementos imprevistos nos atos das personagens. Estas podiam inclusive explicar, justificar seus atos durante a trama ou até mesmo por meio de monólogos nela inseridos, como pensamentos altos, reflexões ou desabafos.

### 3. Jornalismo de Espetáculo

O papel da notícia é contar o fato. É no palco da vida que os fatos acontecem. Entretanto, há que se exercitar a arte de narrar o acontecimento, de maneira envolvente, a fim de que o leitor receba a manchete, se interesse por ela, escolha ler a matéria e ainda continue interessado em conhecê-la até o final. Dessa e de outras formas, é o jornalismo que se torna, muitas vezes, o palco dos fatos.

Existem duas linhas de percepção quando um jornalista escreve uma matéria, assim como quando o receptor a lê. Uma delas é subjetiva, refere-se à experiência pessoal, à relação direta que a pessoa tem ou teve com o fato. A outra linha é a do significado público, do peso histórico que o acontecimento tem para todos.

Essas duas linhas se cruzam, se embolam, para muitos, mas sempre haverá a percepção de quem, de alguma maneira, viveu o fato - mesmo que não tenha estado no mesmo local, o acontecimento teve influência na vida da pessoa - e a percepção geral, o evento público - com conseqüências a toda uma nação, ou a um grande grupo dela.

Considero perturbadora a distinção de percepção entre os tempos "histórico" (aquele que resulta da análise do observador que mantém uma "distância crítica" em relação ao fato analisado) e "subjetivo" (o tempo vivido pelo indivíduo); entre memória coletiva (mecanismo de registro e retenção de informações, conhecimentos e experiências, formadores d uma certa identidade de grupo) e memória individual ou lembrança (impressões subjetivas, impregnadas de afetos, preconceitos e tendências inconscientes) (ARBEX JR. 2001. Pág. 25).

O sensacionalismo é confundido com texto distorcido, exagerado, agressivo. É preciso entender exatamente o que é o sensacionalismo para poder classificar um segmento como tal.

A prática ou modo sensacionalista é, segundo Rosa Nívea Pedroso, aquela que reúne o seguinte conjunto de regras:

Intensificação, exagero e heterogeneidade gráfica; ambivalência lingüístico-semântica, que produz *efeito de informar* através da não identificação imediata da mensagem; valorização da emoção em detrimento da informação; exploração do extraordinário e do vulgar, de forma espetacular e desproporcional. Adequação discursiva ao *status semiótico* das classes subalternas; destaque de elementos insignificantes, ambíguos, supérfluos ou sugestivos; subtração

de elementos importantes e acréscimo ou *invenção* de palavras ou fatos; valorização de conteúdos ou temáticas isoladas, com pouca possibilidade de desdobramento nas edições subseqüentes e sem contextualização político-econômico-socio-cultural; discursividade repetitiva, fechada ou concentrada em si mesma, ambígua, motivada autoritária, despolitizadora, fragmentária, unidirecional, vertical, ambivalente, dissimulada, indefinida, substitutiva, deslizante, avaliativa, exposição do oculto, mas próximo; produção discursiva sempre trágica, erótica, violenta, ridícula, insólita, grotesca ou fantástica; especificidade discursiva de jornal empresarial-capitalista, pertence ao segmento popular da grande empresa industrial-urbana, em busca de consolidação econômica ao mercado jornalístico; escamoteamento da questão do popular, apesar do pretense engajamento com o universo marginal; gramática discursiva fundamentada no desnivelamento sócio-econômico e sociocultural entre as classes homogênicas e subalternas (in ANGRIMANI, 1994, pág. 15).

A implementação do *sensacionalismo* na imprensa é atribuída aos editores Joseph Pulitzer e William Randolph Hearst, no final do século XIX, afirmam autores que enfocam o sensacionalismo na mídia.

Pulitzer e Hearst eram responsáveis pelas publicações americanas *New York World*, editada por Pulitzer e *Morning Journal*, editada por Hearst.

Os dois periódicos travavam lutas diárias para disputar a preferência dos nova-iorquinos, e como arma de combate, as duas edições apostaram no sensacionalismo.

A manchete de um jornal tentava ser cada vez mais chamativa do que a do outro. Há também linhas de pesquisas que acreditam que o sensacionalismo esteja enraizado ao jornalismo desde o começo da imprensa escrita, difícil de precisar a data de início.

No século XVI e XVII na França, já se perguntava por que as notícias sobre violência, catástrofes e escândalos chamavam tanto a atenção dos leitores. Os jornais *Nouvelles Ordinaires* e *Gazette de France*, os dois principais jornais da época, vendiam mais quando traziam notícias de escândalos e crimes.

Um ponto em comum entre os estudiosos para a inauguração do gênero é a presença de *fait divers*. O termo francês introduzido por Roland Barthes, no livro *Essais Critiques*, em 1964, significa fatos diversos. Informação quente circunstancial e localizada.



Nívea Rosa Pedroso define *fait divers*, no livro *A produção do discurso de informação num jornal sensacionalista* como notícia-espetáculo, que beira o absurdo.

“Informação auto-suficiente, traz em sua estrutura imanente uma carga suficiente de interesse humano, curiosidade, fantasia, impacto, raridade, humor, espetáculo, para causar uma tênue sensação de algo vivido no crime, no sexo e na morte. Conseqüentemente provoca impressões, efeitos e imagens (que estão comprimidas nas formas de valorização gráfica, visual, espacial e discursiva do fato-sensação). A intenção de produzir o efeito de sensacionalismo no *fait divers* visa atrair o leitor pelo olhar na manchete que anuncia um acontecimento produzido, jornalística ou discursivamente, para ser consumido ou reconhecido como espetacular, perigoso, extravagante, insólito, por isso, atraente” (PEDROSO: 1998, pág 17)

Para envolver o público, são utilizadas diversas estratégias, como imagens chocantes, manchetes que despertam carga emocional, edição escandalosa e supervalorização de elementos incomuns ou de interesse geral. É comum encontrarmos temas como sexo, tragédias, crimes e política nas publicações sensacionalistas. Mesmo que não sejam o ponto principal da notícia, esses podem inclusive fazer parte o lide da matéria.

Ao receber uma notícia, o espectador pode reagir de maneira defensiva, como se ativasse um mecanismo automático que nega a realidade cruel, esquisita, problemática ou mesmo bizarra. Uma publicação sensacionalista não pretende somente tocar o público, mas tocá-lo de forma com que o receptor se coloque na situação narrada. “A humanização do relato faz com que o leitor reviva o acontecimento como se fosse ele próprio o autor do que está sendo narrado” (PEDROSO, in ANGRIMANI, 1995, pág. 17).

É como se de alguma forma a pessoa que ler a cobertura de um caso de estupro, por exemplo, fique indignada com o agressor como se ela mesma tivesse passado por aquilo. Ou ao assistir a uma reportagem sobre anomalias, o telespectador se sensibilize a ponto de se sentir como se o próprio filho tivesse tal doença. O sensacionalismo quer causar essa sensação nos seus espectadores. Fazer manifestar nas pessoas sentimentos reprimidos por elas mesmas ou pela sociedade, funcionando, inclusive, como influenciador de conduta. Uma reação que se pode chamar de catarse.

“O que parece preponderar nesse gênero é a influência do meio como catarse ainda que as preocupações críticas em

relação ao conteúdo midiático, partindo principalmente dos leigos temerosos das possíveis influências negativas desses veículos, tenham sempre como ponto de partida a mimese. (...) o meio sensacionalista aparece como agente catártico das instâncias psíquica determinadas pela psicanálise. Meio, como artifício de realização, por procuração, do inconsciente.” (ANGRIMANI, 1995. Pág. 17)

O meio pelo qual o veículo sensacionalista vai tocar seu receptor, assim como todas as outras classificações e gêneros jornalísticos, é a linguagem. A forma de construção do texto sensacionalista é o que vai determinar a maneira com que o leitor irá receber a matéria. Assim, estudos permitem ao redator desse tipo de veículo a se antecipar a favor do objetivo do segmento. O jornalista já escreve a reportagem visando obter determinada reação de seu público.

Há casos também, em que jornalistas de segmentos mais tradicionais acabam optando, em determinado momento, por utilizar uma elocução um tanto quanto sensacionalista. Dependendo de como quer atingir seu público, o repórter, ou mesmo a editoria, prefere desenvolver um modo de expressão carregado de sensacionalismo, mesmo que inserido num comunicador mais informativo.

A linguagem sensacionalista é a do clichê, não a dos signos. Na linguagem dos signos o receptor da notícia interage com a matéria de forma mais distante. Ele se emociona com a história da personagem, se comove com o outro. Na linguagem do clichê a pessoa sente o que os envolvidos sentem, é um sentimento dela mesma, apenas ocasionado por um exemplo alheio. Nesse último caso a linguagem propõe uma relação bem mais íntima entre o espectador e seu emocional. “enquanto no signo o indivíduo isola, racionaliza (dá explicações falsas), intelectualiza suas emoções, no clichê o acesso à lembrança é espontâneo e natural” (MARCONDES FILHO, in ANGRIMANI, 1995, pág. 38).

Segundo Danilo Angrimani, “o sensacionalismo não admite distanciamento, neutralidade” (1995, pág. 41). De acordo com o eixo de raciocínio desse autor, a linha editorial sensacionalista deve se posicionar diante dos acontecimentos e chocar, a fim de alcançar uma aproximação do público. Essa aproximação ocorre apenas entre a notícia, o fato, e os sentimentos do receptor. O Clichê não permite ao público que viva algo como a notícia. Afinal, são temas extraordinários, tratados muitas vezes com

agressividade, em tom de exagero, divulgação e exploração tão espalhafatosos que, em muitos casos, o veículo perde credibilidade.

O elemento que mais nutre a linguagem sensacionalista é o *fait divers*. O termo francês refere-se à notícia do dia. *Fait divers* é essa notícia contada por imagem, tão marcante, tão única, tão forte e tocante, que ela, por si só, poderia ser a matéria. Ao observar um *fait divers* o receptor é capaz de entender todo um contexto ali existente, de compreender como, quando, onde, quem e muitas vezes até o porquê do acontecimento.

“A informação recebida por meio de textos (...) ativa um campo semântico associado às diversas acepções do termo, incluindo as conotações afetivas. O processo de compreensão se realiza mediante a seleção, em determinado contexto, de uma acepção entre outras possíveis. No caso da imagem, acontece o inverso: ela comunica imediata e instantaneamente o complexo de emoções e significados a ela conexos” (ARBEX JR., 2002, pág. 80).

A notícia do crime da 113 Sul é considerado um *fait divers*. Um fato incomum e chocante. Todos os jornais locais noticiavam o mesmo fato. A manchete com algum diferencial ganhava a atenção do leitor/telespectador/ouvinte. A mídia passou a destacar um espaço diário para a cobertura do assassinato.

Pressupunha-se pela cobertura que todos queriam saber cada passo da investigação. Queriam desvendar o mistério das mortes. Cada nova descoberta da polícia. Depoimentos de testemunhas, suspeitos. Cada passo virava manchete de jornal.

Segundo Danilo Angrimani, no livro *Espreme que sai sangue: um estudo do sensacionalismo na imprensa* (1995), no século XIX a França parecia já ter descoberto as manchetes que mais vendiam. Na época os “canards”, jornais populares de apenas uma página, faziam muito sucesso. E os canards mais procurados eram os que apresentavam crianças martirizadas ou violadas, parricídios, assassinatos com cadáveres cortados, queimados ou enterrados, grandes catástrofes naturais e desastres de trens.

Notícias que envolvem mortes são presenças obrigatórias nos veículos informativos, e estimulam a venda em jornais sensacionalistas, ainda de acordo com Angrimani, a morte no jornal sensacionalista é diferente da morte comum.

A morte comum envolve sentimentos fraternos, como saudades, carinho, e angústia. Na imprensa sensacionalista a morte provoca sensações perturbadoras. Ela se transforma em espetáculo, quase uma alegoria, mas sem deixar de impressionar. A morte pode assumir caráter punitivo e aparecer como ato simbólico, o que distancia o fato do observador.

Para Luiz Carlos Ferri Barros, o sensacionalismo também prejudica o senso crítico do indivíduo.

“As técnicas sensacionalistas valem-se da exploração e manipulação intensa e deliberada das emoções primárias (sensações) do leitor, do ouvinte ou do telespectador, em geral induzindo baixo nível de reflexão crítica ou intelectual a respeito dos fenômenos ("fatos") reportados.” (BARROS: 2000, pág 16)

### 3.1) O interesse pelo trágico

O jornalismo sensacionalista e o teatro grego do século V e IV a. c. têm algo em comum: o gosto pelo trágico.

Os autores trágicos exaltavam grandes assassinatos e questões que envolviam tabus. Dois exemplos deste “gosto” estão nas obras *Medeia* (escrita por Eurípedes em 435 a.c.) e *Édipo Rei* (escrita por Sófocles em 426 a.c.). Eurípedes narra como a personagem Medeia, tomada pelo ódio contra o marido, mata os dois filhos pequenos e depois se mata. Sófocles descreve em *Édipo Rei*, como o protagonista da obra se casa com a própria mãe e com ela tem uma filha, Electra, que passa a seguir o pai. São considerados *fait divers*. Casos chocantes que fogem do padrão.

No primeiro caso, a morte abrupta e violenta desperta o interesse social. Principalmente por se tratar da mãe como assassina dos próprios filhos. No segundo caso, do amor de Édipo pela mãe e da veneração demasiada da filha pelo pai, que leva a crer que Electra se apaixonou por Édipo, é um fato inusitado. Os consumidores de notícia também julgam os envolvidos de acordo com o senso comum. Não é cabível que uma mãe, que gerou o filho confunda o amor materno e se relacione de forma passional com o herdeiro.

Mesmo que na história de Sófocles, tanto Jocasta, mãe e mulher do protagonista, quanto Édipo, não sabiam da relação familiar que os ligavam. A

sociedade distingue bem estes dois tipos de sentimentos: amor de mãe e filho versus amor de mulher e homem.

A descrição do assassinato no qual uma mulher mata o seu marido, ou uma mãe mata os seus filhos, o relato do desespero de um homem que se descobre casado com a própria mãe, tudo isso poderia ser assunto de belos melodramas. Mas, para que esses fatos apareçam como trágicos, é preciso um elemento a mais, um enfoque diferente, um significado próprio. Qual é então o enfoque do trágico? [...] Para que esses assassinatos sejam trágicos, é preciso que estejam ligados a causas que ultrapassem o caso individual, que os tornem necessários em virtude de circunstâncias impostas ao homem (ROMILLY: 1998, pág 147).

Depois de despertar o interesse social, a mídia entraria com o desdobramento, o que é chamado tecnicamente de suíte da reportagem. Atiçaria a curiosidade do público e tentaria descobrir as razões para os fatos. Ouviria as testemunhas. Tentaria falar com os personagens. E chamaria especialistas para clarear as causas dos acontecimentos. E é esse trágico social que choca os valores estabelecidos pelo senso comum, que regem a mídia sensacionalista.

#### 4. Jornalismo Policial

A guerra dos concorrentes por destaques, furos e detalhes dá cada vez mais gás à competição entre organizações noticiosas. Entretanto, não se trata apenas do que interessa ao público, mas do que ele precisa saber.

As cenas que mancham de sangue a televisão, as fotos em jornais e revistas, e a narração de episódios chocantes pelo rádio são estratégias para causar impacto e chamar atenção para o fato que está ocorrendo, isso tudo, sem buscar as soluções para os problemas, que é o mais importante, pensando-se na ação social dos meios de comunicação, que deveriam estar comprometidos com o desenvolvimento da sociedade e o fortalecimento da cidadania (PACHECO, 2005, pág. 2)

Os cidadãos têm o costume de, equivocadamente, achar que o jornalismo policial tem a função de preencher o vazio que o governo deixa à sociedade. Apesar de ter um caráter fiscalizador, essa categoria jornalística tem inúmeras outras funções, como reconstituir fatos de importância, evidenciar inconstitucionalidades, o não cumprimento das leis e reportar a corrupção inclusive dentro do setor público.

Em se tratando especificamente dos programas dedicados à cobertura policial, o que se percebe é o foco nos fatos rotineiros, factuais, com exploração do ocorrido em suas consequências, sem maior preocupação em investigar as causas dos problemas e reflexos para a comunidade (PACHECO, 2005, pág. 19)

É papel da reportagem policial buscar a veracidade e objetividade das notícias. O jornalismo policial não pretende apenas informar, mas abrir espaço para discussões acerca da segurança pública. A imprensa deve ser a mais fiel e isenta entre as partes envolvidas – dando voz a todas elas –, desde os diretamente envolvidos no caso e as autoridades, até a comunidade.

O jornalismo de polícia pode ser descritivo, ou seja, quando o texto final aproxima-se da literatura. Há muitos casos em que grandes reportagens se tornam livros, por exemplo. Entretanto, a reportagem policial pode também ter um caráter mais objetivo em função da denúncia, de forma que a matéria privilegie os fatos abordados, as revelações e as acusações.

Basicamente no jornalismo policial, é comum encontrar como fonte principal a oficial. Trata-se de informações levantadas pela consulta da polícia

local, de órgãos oficiais, de assessorias de imprensa. Atualmente a cobertura no local do fato é feita, em geral, somente quando o acontecimento toma proporções ampliadas, se o caso fica nacionalmente conhecido, por exemplo, ou quando envolve pessoas públicas e celebridades.

Contudo, a visão que as fontes oficiais costumam ter dos fatos não é nada jornalística, portanto, cabe ao repórter transformar a notícia – não somente transcrevê-la – em algo isento de tendenciosidades e preconceitos. Daí surgem as fontes independentes, como especialistas que comentam os casos.

Para José Amaral Argolo, o jornalismo policial acabou quando a reportagem passou a colaborar com o crime; quando a família passou a não ler mais jornal a não ser que o caso seja próximo de onde moram ou trabalham, para assim, manterem distância dos exagerados relatos da imprensa; quando os editores querem acabar com as suítes (série de reportagens sobre o mesmo assunto) em no máximo duas edições, prolongadas apenas quando o caso torna-se interesse nacional; quando há pactos entre os jornalistas, que fazem combinações a fim de publicarem reportagens com o mesmo viés, mas assim, abrem mão do furo e da diversidade; quando a tecnologia obrigou os jornais a modificarem seu horário de fechamento, afinal, tudo no outro dia já é velho; quando são publicados omissões e equívocos administrativos em escala, claramente atendendo a interesses.

O autor lamenta ao comentar o exemplo do caso em que três jornalistas do Última Hora, para suprimir o tédio do fim de semana parado e atrair olhares ao jornal, atribuíram uma série de assassinatos a um grupo de extermínio chamado “mão branca”:

A história do “mão branca” representou muito mais do que um blefe jornalístico. Foi uma vergonha! Pessoas inocentes morreram porque, na “voragem do noticiário”, as notícias ganharam colorido próprio e até mesmo conquistaram opiniões favoráveis. Quando a “armação” foi desmascarada e o número dos cadáveres ultrapassou a casa das centenas, tanto o diretor quanto os dois repórteres – pressionados e assustados – tentaram desviar o foco dos leitores para outros episódios. Mas era tarde demais! As evidências indicavam mais uma prévia do atestado de óbito para a reportagem policial” (ARGOLO, 2008, pág. 123)

Uma das técnicas utilizadas na fase de apuração das matérias policiais é a chamada ‘escuta’, quando o repórter sintoniza seu aparelho radiofônico nas

freqüências utilizadas pela polícia, bombeiros ou defesa civil, para que, quando ouvir algo interessante, que possa virar pauta, ele corre atrás, se preciso vai ao local ou termina a apuração via telefone etc. Essa técnica é parecida com outra, que no meio jornalístico é chamada de 'ronda'. Trata-se de apurações em que, em horários mais calmos, os repórteres ligam para as delegacias em busca de novidades.

Os repórteres policiais podem ou não utilizar as técnicas de apuração trabalhadas no jornalismo investigativo. O que diferencia a reportagem investigativa das outras é o processo de produção, as técnicas próprias de apuração que cada repórter precisa desenvolver de acordo com o caso, a luta pela informação e o modo de construir a matéria, utilizando métodos mais peculiares em relação aos de outros tipos de reportagem.

O jornalismo investigativo seria, então, um formato, no qual toda abordagem jornalística – incluindo a policial – deveria basear sua apuração, com o objetivo de garantir a solidez da reportagem.



## 5. Análise de Conteúdo

Apenas nas sete reportagens selecionadas do jornal Correio Braziliense para análise e comparação com o gênero teatral Tragédia Grega, encontram-se mais de 30 aparições da palavra morte.

Elas são consideradas evidências de representações da notícia policial inseridas nas matérias. Além dessas evidências, a especulação está presente em várias publicações. Há suposições e um número menor de comprovações, o que confirma mais uma vez o jornalismo sensacionalista que foi feito em cima da cobertura do crime.

A delegada da 1ª Delegacia de Polícia (Asa Sul), Martha Vargas, (...) acredita que os corpos deveriam estar no local desde sexta-feira e que os bens podem ter sido levados para confundir os investigadores. (Correio Braziliense, dia 31/08/2009)

No dia 31 de agosto de 2009 o Correio Braziliense publicou uma reportagem intitulada “Advogado que defendeu Collor é encontrado morto junto com a mulher e a empregada na 113 sul”.

Essa reportagem conta poucos detalhes do crime, pois foi publicada no mesmo dia em que foram encontrados os corpos do ex-ministro do TSE, José Guilherme Villela, da esposa dele, a advogada Maria Carvalho Villela, e da empregada da família, Francisca Nascimento da Silva, mesmo assim, ela relata o que aconteceu e contextualiza o leitor quanto a quem se tratam as vítimas. Assim, podemos compará-la ao prólogo de uma tragédia grega.

É no **prólogo** que a obra é apresentada, parte em que o espectador conhece a história em questão e os personagens principais. Função essa que se encontra também na primeira reportagem publicada pelo Correio Braziliense.

A notícia “Amigos destacam a dedicação à família e a competência de José Guilherme Villela”, poderia ser comparada ao **párodos**. O párodos é a primeira entrada do coro de uma tragédia, a primeira vez que o coro tem voz e participação efetiva na peça. Nesse caso, ‘os amigos’ seriam o coro, pois fazem parte do povo. É o povo tendo voz.

A oportunidade que o jornal oferece aos amigos da família de falarem a respeito do crime, do casal e de interferirem no caso, não diretamente, mas

principalmente na opinião de quem irá ler a matéria, equivale à ação do **coro** na tragédia, pois este é composto por não um, mas vários atores, representando uma só classe (no caso os amigos de Villela), com a função de interferir e interagir apenas de forma indireta com os atores, com o público e com o enredo.

O primeiro **episódio** pode ser comparado à publicação do dia 5 de setembro do ano de 2009, na qual podemos perceber que o caso já havia ganhado um nome que aparece logo no título da matéria: “Crime da 113 sul: Polícia fala em reviravolta nas investigações”.

Essa reportagem não divulga novas descobertas da polícia. O material trata apenas de suposições, de possíveis pistas e futuras provas. Apesar de não trazer nenhum dado concreto, a matéria aborda esses outros pontos de uma forma bastante envolvente, cativante, que prende o leitor.

Além disso, os dois suspeitos foram identificados nas imagens captadas pelo circuito de TV do Bloco E, vizinho ao C. (...) Os jovens teriam fugido em direção à 313 Sul. No entanto, pelo menos até a tarde de ontem não havia sido encontrado o elo que comprovasse a presença dos suspeitos no local do crime. (Correio Braziliense, dia 05/09/2009)

Da mesma maneira, o primeiro episódio (que está no primeiro ato) das tragédias geralmente não envolve a consumação das questões, mas variantes importantes, suspeitas e inquietações das personagens, que podem, inclusive, levar ao desfecho do caso, mais tarde. Isso tudo de maneira bastante instigante ao público, que se envolve a cada episódio, afinal, até as meras desconfianças são novidades, principalmente quando contadas de um jeito atraente.

A insistência em manter o receptor atento no que está lendo, equivale às **peripécias** nas tragédias, que são artifícios usados com a intenção de renovar constantemente o interesse do público. As peripécias são elementos comuns às obras trágicas, sempre presentes e perceptíveis, mesmo que sutis. O mesmo podemos notar nas coberturas de crime, nas quais os jornalistas precisam revigorar o interesse do leitor a cada suíte (continuidade), até o desfecho do caso, mesmo que não haja grandes mudanças e descobertas.

Seguindo essa linha de comparação, a reportagem “Apuração do crime na 113 sul causa disputa interna na Polícia Civil”, de 8 de setembro de 2009, representaria o primeiro **estásimo**. Os estásimos são as aparições do coro no

decorrer da trama – a partir da segunda, já que a primeira é o párodos. A matéria em questão trata de um assunto alheio à resolução do caso, mas que, de uma forma indireta, acaba influenciando no desenrolar da história. A disputa originada entre os policiais envolvidos nas investigações do crime acabou causando certo atraso no inquérito, mas em longo prazo ajudou a evidenciar, segundo a polícia divulgaria posteriormente, o suposto envolvimento da delegada Martha Vargas com o crime. Trata-se do coro influenciando no desenrolar da história a cada estásimo.

Outra reportagem que poderia ser comparada a um episódio da tragédia é a do dia 14 de setembro daquele ano, “Foco da investigação muda para escritório dos Villela”. Mesmo com novas descobertas, o gancho maior é para as hipóteses. A reportagem traz informações novas acerca do crime, envolvendo sempre o leitor. Mesmo quando essas novidades não passam de previsões ou planos, não deixam de ser interessantes e relevantes. É exatamente o que acontece com o público de tragédia.

Uma das formas de prender o espectador dessa maneira é a indução à **catarse**. Ao passo que quem assiste à tragédia sente-se tão envolvido com a história que passa a sentir como a personagem, como se vivesse o que ela vive, os leitores da notícia podem se indignar com os assassinos como se fossem os próprios parentes das vítimas, como se estivessem eles passando por aquilo ali. Entretanto, para causar esse efeito, segundo bibliografia que trata do tema sensacionalismo, o repórter provoca emoções com dramaticidade para o leitor. É possível perceber isso na reportagem do dia 5 de setembro de 2009, por exemplo, que em dois parágrafos aponta rapazes como suspeitos e em apenas duas linhas esclarece, que nada comprova o envolvimento deles no crime.

Antes do surgimento dessa testemunha-chave, a principal linha de investigação apontava para dois rapazes filhos de uma pessoa próxima ao casal Villela. Um deles, inclusive, foi defendido em 2007 por Augusto Villela, que advogava no escritório dos pais, em um processo por roubo à mão armada. O jovem recebeu pena de cinco anos e quatro meses de prisão em regime semiaberto, mas recorria da sentença em liberdade. Essa ligação garantiria o livre acesso dos dois jovens ao apartamento da 113 Sul. O imóvel não apresentava qualquer sinal de arrombamento.

Além disso, os dois suspeitos foram identificados nas imagens captadas pelo circuito de TV do Bloco E, vizinho ao C. A dupla

saía da portaria 01/02 do prédio onde houve o crime com uma mochila nas costas. Era por volta das 19h30 do último dia 31— as mortes ocorreram provavelmente entre as 17h e as 19h daquela sexta-feira. Os jovens teriam fugido em direção à 313 Sul.

No entanto, pelo menos até a tarde de ontem não havia sido encontrado o elo que comprovasse a presença dos suspeitos no local do crime. (Correio Braziliense, dia 05/09/2009)

A escolha por informações retiradas de uma única fonte oficial pode influenciar o leitor a respeito do assunto. Nada comprova que os dois rapazes realmente estiveram no apartamento, há apenas desconfianças, mas como a reportagem trata mais das suspeitas do que do comprovado.

Em “Polícia admite que apuração do triplo homicídio está em fase embrionária”, reportagem de 22 de outubro de 2009, encontram-se claras semelhanças com as participações do coro na tragédia, os estásimos, que aparecem várias vezes durante a peça. Nessa matéria, foram publicados comentários de internautas a respeito do Crime da 113 Sul. Pressupõe-se que o repórter tenha concedido opinião a cidadãos aleatoriamente.

A participação do “povo” é semelhante ao coro de uma tragédia, que ao cantar seus versos, participa da história central, mesmo não estando diretamente ligada a ela e às suas personagens. Os estásimos se alternam com os episódios da tragédia grega, até que se chegue ao remate.

No ano em que esta pesquisa foi feita, nenhum dos acusados pela polícia, por intermédio da imprensa, haviam sido julgados nem presos. Portanto, o assunto ainda era tema de pautas e de investigações que não sugerem um desfecho próximo. No entanto, na tragédia tradicional existe o êxodo, que seria o capítulo final dessa história.

Para ilustrar uma tentativa de êxodo, esta pesquisa selecionou a reportagem “Casos resolvidos por tabela” de 25 de outubro de 2009. A matéria conta como as investigações do Crime da 113 Sul ajudaram a chegar à solução de outros crimes que, até então, estavam sem um ponto final.

Assim como o êxodo da tragédia leva o espectador à moralização do caso, a reportagem traz o “lado bom” de o crime não ter sido desvendado até aquela edição.

## 6. Conclusão

Há características da tragédia grega inseridas nas reportagens a respeito do que ficou conhecido como o “Crime da 113 Sul”. O jornalismo pode se utilizar de alguns dos artifícios do gênero teatral, como a catarse e as peripécias, que são originalmente parte das obras trágicas, mas que conseguimos enxergar como estratégia lingüística no texto jornalístico. Tais inserções teatrais nas reportagens são claramente utilizadas para atrair leitores, prender a atenção destes e, conseqüentemente, para vender.

Entretanto, as semelhanças constatadas não possibilitam classificar a artimanha como procedimento-padrão. Uma técnica requer estudo, conscientização e aprimoramento. A intenção da monografia foi jogar uma luz a essa observação e discussão, a fim de que seja possível estudar mais esse assunto e de práticas textuais comuns dos nossos dias.

A amostragem revela que temas como mortes, incestos, assassinatos e crimes em geral são bastante recorrentes em tragédias gregas. Os mesmos temas fazem parte do jornalismo policial e mexem com o público. O leitor se interessa por matérias com temáticas atípicas de seu cotidiano, pois isso o traz uma sensação de fuga da realidade, apesar de os casos serem reais.

A pessoa que vai ao teatro, por sua vez, está à procura de emoções. Não importa se vai rir, chorar, sofrer, mas as pessoas vão ao teatro para se emocionarem, no caso da tragédia, através de histórias. Esses temas atraem a curiosidade do público. O mistério e a novidade renovam o interesse e deixam o público amarrado à trama.

As reportagens observadas formam uma amostragem pequena em relação ao conteúdo largamente veiculado pela mídia. No entanto, torna-se possível inferir que o jornalismo pode se utilizar de temas agendados e que não se esgotam em poucos dias para garantir uma audiência maior. No que se refere à linguagem, isso também fica evidente. “O assunto não se encerra aqui”, anuncia de forma velada a reportagem. Por vezes, na ilusão de um assunto ter começo, meio e fim, ainda muitos leitores querem saber o desenrolar de uma trama. Mas jornalismo não é teatro. A vida tem mais personagens. E não se encerra quando as cortinas se fecham.

## 11. Bibliografia

ANGRIMANI, Danilo. *Espreme Que Sai Sangue*. 1ª edição. São Paulo: Aummua Editorial, 1995.

ARBEX JR., José. *Showrnlismo, a notícia como espetáculo*. 2ª edição. São Paulo: Casa Amarela, 2002.

ARGOLO, José Amaral. *As luminárias do medo: vida, paixão e morte do jornalismo policial no eixo Rio de Janeiro – São Paulo*. Rio de Janeiro: E-papers, 2008.

BERELSON, Bernard. *Content Analysis in Communication Research*, Nova Iorque: The Free Press, 1952.

BITTAR, Eduardo C. B. *Metodologia da pesquisa jurídica*. 1ª edição. São Paulo: Saraiva, 2001.

MAGALDI, Sábato. *Nelson Rodrigues: Dramaturgia e Encenações*. 2ª edição. São Paulo: Perspectiva, 1992.

PACHECO, Alex Romulo. *Jornalismo Policial Responsável*. Concórdia, SC: 2005.

ROMILLY, Jacqueline de. *A Tragédia Grega*. 1ª edição. Brasília: UnB.1998.

## Anexos

As reportagens a seguir foram encontradas no site [www.correiobrasiliense.com.br](http://www.correiobrasiliense.com.br), em 20 de novembro de 2010.

1.

### Advogado que defendeu Collor é encontrado morto junto com a mulher e a empregada na 113 Sul

Ex-ministro do TSE, José Guilherme Villela defendeu Collor no processo de impeachment

Publicação: 31/08/2009 21:20 Atualização: 01/09/2009 00:15



Carta de renúncia de Fernando Collor (clique na imagem para ampliar)

O advogado do ex-presidente Fernando Collor José Guilherme Villela, 73 anos, foi encontrado morto na noite desta segunda-feira (31/8), em seu apartamento no Bloco C da 113 Sul. Também foram encontrados os corpos de Maria Carvalho Villela, esposa do advogado, e da governanta Francisca Nascimento da Silva, que trabalhava há 32 anos para o casal. Policiais informaram que os corpos estavam cobertos de sangue e com marcas de facadas.

José Guilherme e Maria foram golpeados na barriga e Francisca, nas costas. Os corpos do advogado e da empregada estavam perto da cozinha e o de Maria localizava-se junto ao closet do quarto de casal - único cômodo que apresentava sinais de ter sido remexido. A polícia encontrou, na cozinha, uma faca de 15cm que pode ter sido usada no crime.

Policiais acreditam que o suspeito tenha fugido pela saída de serviço, já que a porta estava suja de sangue.

Uma irmã da governanta informou que conversou com Francisca por telefone por volta das 16h de sexta-feira. A polícia acredita que o crime tenha ocorrido entre 17h e 19h do mesmo dia, já que no apartamento foi encontrada a mesa pronta para um lanche.

Como os três não eram vistos desde sexta, uma neta do casal se dirigiu ao apartamento e chamou um chaveiro para abrir a porta. Ao se deparar com os corpos, acionou a polícia. Não havia marcas de arrombamento no local e os vizinhos disseram que não ouviram barulhos provenientes do apartamento de Villela. O porteiro do edifício afirmou que o condomínio possui câmeras de segurança no térreo e na garagem.

A delegada da 1ª Delegacia de Polícia (Asa Sul), Martha Vargas, afirmou que alguns pertences de baixo valor sumiram do closet, o único local do apartamento que não estava intacto. Ela acredita que os corpos deveriam estar no local desde sexta-feira e que os bens podem ter sido levados para confundir os investigadores.

Nascido em Manhuaçu (MG), Villela tinha 73 anos e era formado em Direito pela Universidade de Minas Gerais. Foi, também, ministro do Tribunal Superior Eleitoral (TSE) entre 1980 e 1986. Ele era dono de um conceituado escritório de advocacia em Brasília e atuava em tribunais superiores. José Guilherme e Maria deixam dois filhos.



O advogado defendeu Collor durante o processo de impeachment do ex-presidente e foi incumbido de fazer a leitura da carta de renúncia de Collor durante a sessão do Senado que julgou o pedido de perda de mandato, em 29 de dezembro de 1992. Outro cliente famoso de Villela é o ex-governador Paulo Maluf.

### **"Maldição" Collor**

A morte de Villela é mais uma das tragédias que marcaram as pessoas que estiveram próximas ao ex-presidente Fernando Collor no período de seu impeachment. Entre os casos de família, está o do irmão de Collor, Pedro, que morreu em dezembro de 1994, com câncer no cérebro. A mãe do ex-presidente entrou em coma em setembro de 1992, logo após o escândalo envolvendo o filho, e morreu em fevereiro de 1995, com paralisia em vários órgãos.

No círculo de amizades próxima a Collor, a mulher de Paulo César Farias, Elma, morreu em julho de 1994 em Brasília, vítima de edema pulmonar agudo e insuficiência



cardíaca. O caso deixou dúvidas no ar, já que Elma gozava de perfeita saúde e seu corpo foi cremado no dia seguinte à sua morte.

Em 1996, o próprio PC Farias morreria em junho, com um tiro no peito, junto com a namorada, Suzana Marcolino. Em 1999, Rinaldo da Silva Lima, um dos seguranças que fazia a guarda da casa de PC Farias, foi assassinado com quatro tiros.

2.

## Amigos destacam a dedicação à família e a competência de José Guilherme Villela

[Helena Mader](#)

Publicação: 02/09/2009 08:04 Atualização: 02/09/2009 08:27



Villela com a mulher, Maria: companheiros desde a juventude, tiveram dois filhos e duas netas

A discrição e a sisudez de José Guilherme Villela escondiam a paixão do advogado por viagens, gastronomia e, principalmente, pelo futebol. O torcedor do clube Atlético Mineiro não costumava variar muito seus hábitos diários: começava o dia com uma caminhada(1) e, à tarde, seguia para o escritório, onde ficava até o fim da noite. A dedicação quase integral do advogado era para o trabalho. Amigos de José Guilherme destacam seu talento e sua carreira brilhante — iniciada em Belo Horizonte no início da década de 1960.

José Guilherme e Maria Carvalho Mendes Villela casaram-se ainda jovens e tiveram dois filhos, Adriana e Augusto. Tinham ainda duas netas: Carolina, 22 anos, e Sofia, 6. O companheirismo do casal chamava a atenção de vizinhos e amigos. Eles estavam sempre juntos, em casa ou no trabalho. Também advogada, Maria era sócia de José Guilherme no escritório Villela Advogados Associados. Augusto também advogava para o grupo.

A firma fica na Quadra 1 do Setor Comercial Sul. A empresa ocupa todo o 14º andar do Edifício Denasa. O advogado chegava ao trabalho entre as 13h e as 14h e ficava até as 21h. Ele costumava ser o último a deixar o escritório. De acordo com um funcionário do edifício, ele não era de muita conversa e se limitava a acenar para os empregados quando chegava.

Pelo menos uma vez por semana, ele almoçava em um restaurante que fica no térreo do prédio do escritório. Frequentemente a esposa o acompanhava na refeição. Eles chegavam por volta das 14h30 e Villela dava preferência para pratos com peixes. Quando não comia no local, ele encomendava a refeição por telefone e a recebia no escritório. O maître do estabelecimento, Valtêncio Barbosa, 41 anos, conta que o casal tinha uma mesa cativa, vazia no fim da manhã de ontem. “Eles eram bem reservados. Cumprimentavam a gente, mas não tinha conversa. Os dois eram bem calados, conversaram mais entre eles”, diz.



Ele foi, sem dúvida, um exemplo. Não posso imaginar alguém que não goste dele%u201D Fernando Neves, ex-ministro do Tribunal Superior Eleitoral

Para o motorista Paulo Humberto Espíndola, 65, que trabalhou para a família de Villela por 19 anos, o ex-ministro era “tranquilo”. “Eles quase não saíam de casa. Iam direto do trabalho para o apartamento”, lembra o motorista, que se diz muito grato ao ex-ministro. “Ele me ajudou bastante. Quando trabalhava no Tribunal de Contas, me ofereceu um posto de motorista para dirigir de manhã para o seu escritório. Assim, eu complementava a renda”, lembra. Humberto não se recorda de nenhum hobby do ex-patrão. “Ele gostava mesmo era de advogar.”

A seriedade e dedicação à advocacia são as principais características destacadas por antigos colegas. O ex-ministro do Supremo Tribunal Federal (STF) Sepúlveda Pertence conhecia Villela havia 60 anos, desde os tempos de escola. “Depois de formados, viemos para Brasília e montamos nosso escritório, atuando desde a porta do ‘xadrez’ até o Supremo. Ele era, sem dúvida, um dos melhores advogados da minha geração”, afirma.

Sepúlveda Pertence diz que o amigo ficou conhecido apenas pela defesa de Collor, mas

lembra que a carreira de Villela foi muito mais ampla do que esse episódio, incluindo a representação de Paulo Maluf em causas na Justiça Eleitoral . “Ele era avesso a qualquer espécie de publicidade e, assim, ficou conhecido apenas por esse caso (defesa de Collor). Ver esse acontecimento horrível (o assassinato) me fez voltar ao tempo de colégio e faculdade, quando estivemos juntos também na política estudantil”, afirma.



Ele sempre trabalhou com ética. Nós o chamávamos de príncipe dos advogados Carlos Velloso, ex-ministro do Supremo Tribunal Federal (STF)

Mineiro de Manhuaçu, Villela tinha 73 anos recém completados. Ele chegou a Brasília no início da década de 60, pouco depois de se formar(2). Amigos do ex-ministro contam que ele tinha o temperamento forte, que defendia com contundência suas posições, especialmente as sustentações de suas causas como advogado. Justamente por isso, pessoas próximas descartam a hipótese de que ele tenha sido rendido antes de entrar no prédio sem reagir. “Quem o conhece sabe que ele seria incapaz de, mesmo acuado, levar alguém até sua casa sem tentar uma reação enérgica”, acredita um amigo, conselheiro do Tribunal de Contas do Distrito Federal.

Amiga próxima da família, a joalheira Joy Barbosa lembra do grande afeto que o casal tinha pela neta Carol. “Eles a tratavam como uma filha, deram muito amor e carinho”, relata. Uma das grandes alegrias de Villela foi ver a neta mais velha seguir seus passos e se formar em direito. A jovem já estava trabalhando no escritório do avô. A joalheira conta que conheceu o advogado quando chegou a Brasília, em 1963. Eles trabalhavam juntos no STF e o coleguismo se transformou em uma grande amizade. A última vez que Joy visitou o apartamento do casal foi quando eles fizeram uma festa de São João, no fim de julho. “Zé Guilherme era considerado um dos melhores advogados do Brasil. Era uma pessoa brilhante”, destaca.

O advogado e ex-ministro do Supremo Tribunal Federal Carlos Velloso foi colega de Villela no TSE e elogia a conduta do antigo companheiro de trabalho. “Ele sempre trabalhou com cordialidade e ética. Nós o chamávamos de ‘príncipe dos advogados’, por conta de seu modo elegante de agir”, revela. “O direito brasileiro, a Justiça e a advocacia perderam um grande militante e um notável cidadão”, acrescenta.

O advogado mineiro Orlando Vaz foi amigo de Villela pelos últimos 50 anos. Eles advogaram juntos várias vezes nesse período. “José Guilherme possuía um gigante saber jurídico e redação impecável. Dominava a língua portuguesa com esmero”, destaca. “Ele vivia em função da família e era estudioso de grande responsabilidade. (A

morte dele) foi um ato insano”, comenta. José Guilherme Villela era extremamente bem-visto no meio jurídico. “Ele foi, sem dúvida, um exemplo, uma das cabeças jurídicas mais completas. Não posso imaginar alguém que não goste dele”, resume o advogado e ex-ministro do Tribunal Superior Eleitoral Fernando Neves.



Ele era, sem dúvida, um dos melhores advogados da minha geração Sepúlveda Pertence, ex-ministro do STF

#### 1- Companheiros

O casal Villela não abria mão das caminhadas pelas quadras vizinhas à SQS 113. José Guilherme usava um boné e tinha sempre a companhia de Maria. Frequentemente, os dois passavam na padaria da quadra após o exercício, antes de voltar para casa.

#### 2- Carreira

Villela trabalhou como procurador jurídico do Tribunal de Contas do DF por 26 anos, até se aposentar. Depois, foi aprovado em um concurso público para uma vaga de auditor na mesma Corte. Também atuou durante seis anos como juiz do Tribunal Superior Eleitoral (TSE) e foi ainda professor da Universidade de Brasília (UnB).



José Guilherme possuía um gigante saber jurídico e redação impecável%u201D  
Orlando Vaz, advogado

*Colaboraram Elisa Tecles, Gizella Rodrigues, Lilian Tahan, Luísa Medeiros, Juliana Boechat e Rodolfo Borges*

3.

## Crime na 113 Sul: Polícia fala em reviravolta nas investigações

Publicação: 05/09/2009 08:34 Atualização: 05/09/2009 08:57

Mara Puljiz, Edson Luiz e Ary Filgueira

Por volta das 19h30 de ontem, quem estava na 1ª Delegacia de Polícia (Asa Sul) se surpreendeu com a correria de agentes e a saída de um homem encapuzado e completamente vestido de preto. Escortado por policiais e pela delegada-chefe Martha Vargas, mas sem algemas, ele entrou em uma viatura descaracterizada e foi levado ao Bloco C da Quadra 113 Sul, onde, na segunda-feira, foram encontrados os corpos do advogado e ex-ministro do Tribunal Superior Eleitoral (TSE) José Guilherme Villela, 73 anos, da mulher dele, Maria Carvalho Mendes Villela, 69, e da empregada deles, Francisca Nascimento da Silva, 58. Após passar quase três horas no apartamento 601/602, onde os três foram mortos a facadas na noite do dia 28, a delegada reiterou que o homem — as mãos brancas, com uma aliança dourada na esquerda, eram a única parte descoberta — se tratava de uma “testemunha importante” e falou em uma “reviravolta” na investigação.



A testemunha ficou no imóvel dos Villela por quase três horas: por volta das 23h de ontem, técnicos iniciaram nova perícia no local

Até as 23h20, investigadores e peritos continuavam no imóvel do 6º andar. Durante esse período, as luzes da residência dos Villela ficaram acesas e as cortinas, fechadas. “A

população pode se preparar para uma reviravolta no caso. As investigações estão caminhando bem”, foi o que Martha Vargas limitou-se a dizer ao voltar à portaria do edifício. Às 23h03, nova equipe de polícia técnica havia chegado ao imóvel para dar início à sexta perícia. Treze minutos antes, policiais deixaram a 113 Sul conduzindo um homem encapuzado, que seria a testemunha — minutos depois a viatura policial chegou à 1ª DP com essa pessoa. No entanto, o porte físico não era idêntico ao homem levado ao apartamento dos Villela três horas antes.

### **Família**

Enquanto a polícia trabalhava na cena do crime, familiares do casal assassinado permaneciam na 1ª DP. Por volta das 19h, o filho, Augusto Villela, a neta Carolina e o namorado dela, um policial federal, chegaram à delegacia para um novo depoimento. Os três estavam a bordo de um carro dirigido pelo namorado da neta — foi ele a primeira pessoa a ver a cena do crime, na última segunda-feira. Eles entraram pela porta do setor de identificação e foram conduzidos a uma sala, onde continuaram pelo menos até as 23h20. No total, cinco pessoas foram ouvidas ontem pelos agentes civis.

Antes do surgimento dessa testemunha-chave, a principal linha de investigação apontava para dois rapazes filhos de uma pessoa próxima ao casal Villela. Um deles, inclusive, foi defendido em 2007 por Augusto Villela, que advogava no escritório dos pais, em um processo por roubo à mão armada. O jovem recebeu pena de cinco anos e quatro meses de prisão em regime semiaberto, mas recorria da sentença em liberdade. Essa ligação garantiria o livre acesso dos dois jovens ao apartamento da 113 Sul. O imóvel não apresentava qualquer sinal de arrombamento.

Além disso, os dois suspeitos foram identificados nas imagens captadas pelo circuito de TV do Bloco E, vizinho ao C. A dupla saía da portaria 01/02 do prédio onde houve o crime com uma mochila nas costas. Era por volta das 19h30 do último dia 31 — as mortes ocorreram provavelmente entre as 17h e as 19h daquela sexta-feira. Os jovens teriam fugido em direção à 313 Sul.

No entanto, pelo menos até a tarde de ontem não havia sido encontrado o elo que comprovasse a presença dos suspeitos no local do crime. Um servidor do Instituto de Criminalística (IC) garantiu ao Correio que as impressões digitais coletadas no apartamento da família Villela não coincidiam com a do jovem que já tinha ficha na polícia. Assim como na quinta-feira, ontem a polícia e a cúpula da Segurança Pública continuaram negando a prisão desses dois rapazes.

### **Pistas e provas**

A Polícia Civil se depara, agora, com o desafio de transformar as evidências colhidas em cinco dias de investigação em provas materiais (leia na próxima página). Ontem, por exemplo, os peritos descobriram que o assassino girou duas vezes a chave na hora de fechar a porta do apartamento dos Villela.

Além disso, os peritos do Instituto de Criminalística (IC) estavam em busca de rastros deixados pelo criminoso, como gotas de suor e até mesmo saliva. “Quem comete um crime desses (os três foram mortos com 72 facadas ao todo) sua, baba”, afirmou uma perita que trabalhou ontem à noite na cena do crime.

Para ajudar na missão de vasculhar o imóvel em busca de novas pistas, a delegada-chefe da 1ª DP conta com a ajuda do diretor do IC, Celso Nenevê. Acompanhados de dois

peritos, os dois estiveram ontem à tarde no apartamento do Bloco C. As cortinas e janelas permaneceram fechadas durante todo o tempo, ao contrário das outras perícias realizadas no local. A vistoria durou quase duas horas.

Martha e Nenevê deixaram o lugar por volta das 13h. Ao ser questionada se havia novidades sobre o crime, a delegada Martha Vargas sorriu: “É um mistério”.

Em reunião ontem à noite, os moradores do Bloco C decidiram celebrar uma missa na semana que vem, no edifício, em homenagem as vítimas.

4.

## Apuração do crime na 113 Sul causa disputa interna na Polícia Civil

Ary Filgueira

Publicação: 08/09/2009 08:22 Atualização: 08/09/2009 19:50

O Serviço de Inteligência da Polícia Civil do Distrito Federal, que foi designado para dar suporte à 1ª Delegacia de Polícia (Asa Sul) nas investigações, começa a demonstrar insatisfação com a forma como é conduzida a apuração do crime na 113 Sul. Parte dos investigadores já defende a transferência do caso para a Coordenação de Investigação de Crimes Contra a Vida (Corvida/PCDF), ex-Delegacia de Homicídios (DH).



Alguns agentes disseram ontem ao Correio que a delegada responsável pelo inquérito policial, Martha Vargas (titular da 1ª DP), não dispõe de pessoal suficiente para se dedicar exclusivamente às apurações. Por isso, defende a mudança de comando do inquérito. O Serviço de Investigação de Crimes Violentos (Sic-Vio) da 1ª DP, argumentaram eles, não pode parar de investigar outros casos pendentes na unidade policial da Asa Sul para se dedicar somente ao triplo homicídio.

A 1ª DP dispõe somente de 20 agentes de polícia. A Corvida, por sua vez, tem duas seções, cada uma com a mesma quantidade de agentes: 20 cada uma. “Quando um crime desses é repassado para a gente, todo mundo para o que está fazendo e se dedica somente a ele”, disse um policial, que pediu para não se identificar. Além disso, os agentes da Inteligência reclamam que a equipe da 1ª DP tem centralizado as principais informações sobre o caso, dificultando o trabalho de apoio. (Ary Filgueira)



## CRONOLOGIA

### **Dia 28, sexta-feira**

Por volta das 19h, o advogado José Guilherme Villela, 73 anos, sua mulher, Maria Carvalho Mendes Villela, 69, e a empregada do casal, Francisca Nascimento da Silva, 58, são mortos a facadas no apartamento da família, na 113 Sul. O apartamento não tinha sinais de arrombamento e foi trancado pelo criminoso.

### **Dia 31, segunda-feira**

No fim da tarde, familiares do casal vão ao prédio para tentar descobrir por que os dois não tinham ido trabalhar. Com a ajuda de um amigo, que é policial federal, e de um chaveiro, o apartamento é aberto. Os corpos estavam na cozinha e no corredor do imóvel, em avançado estado de decomposição. Joias foram levadas do apartamento.

### **Dia 1º, terça-feira**

Os peritos colhem diversas provas no apartamento e os investigadores começam a ouvir testemunhas.

### **Dia 2, quarta-feira**

A polícia ouve moradores do Bloco C, convoca outras testemunhas e realiza outra perícia na residência dos Villela.

### **Dia 3, quinta-feira**

As investigações apontam para a suposta participação de um jovem, filho de uma pessoa ligada aos Villela. A tese era de latrocínio (roubo seguido de morte). Circula a informação de que duas pessoas teriam sido presas, mas a polícia nega.

### **Dia 4, sexta-feira**

O caso muda de rumo. Após levar à cena do crime uma testemunha encapuzada, a polícia fala em reviravolta nas investigações.

### **Dia 5, sábado**

As investigações passam a ter como hipótese mais provável a tese de que o casal Villela foi assassinado por encomenda.

### **Dia 6, domingo**

O jovem de 23 anos que seria suspeito de participar do crime presta depoimento, apresenta um ábili perfeito e a tese de latrocínio comum é praticamente descartada.

### **Dia 7, segunda-feira**

Os peritos voltam ao apartamento da 113 Sul para colher novas provas.

## 5.

## Foco da investigação muda para escritório dos Villela



Após 15 dias da descoberta do triplo homicídio, polícia vai analisar os casos defendidos pelos advogados, que trabalharam em disputas por questões fundiárias

Publicação: 14/09/2009 08:25 Atualização:

Mara Puljiz  
Ary Filgueira  
Edson Luiz

Depois de realizar novas diligências até o fim da madrugada de ontem, a Polícia Civil deu novos rumos às investigações sobre a morte do advogado José Guilherme Villela, 73 anos, de sua mulher, Maria Carvalho Mendes Villela, 69, e da empregada do casal, Francisca Nascimento da Silva, 58. A apuração se concentrará nas ações em que o advogado atuava em seu escritório. Os delegados e agentes também trabalham com a hipótese de que o crime tenha sido premeditado.



Edifício Denasa, onde fica o escritório de José Guilherme Villela

O ponto de partida dessa nova linha de investigação coordenada pela delegada-chefe da 1ª Delegacia de Polícia (Asa Sul), Martha Vargas, desta vez, será o escritório, na Quadra 1 do Setor Comercial Sul (SCS), onde o ex-ministro do Tribunal Superior Eleitoral (TSE) trabalhava com sua equipe de advogados, entre eles, o filho Augusto e a neta Carolina Villela. “Estamos seguindo várias linhas de investigação. Vamos fazer um levantamento no escritório, onde pesquisaremos ações judiciais e as principais causas defendidas”, informou o chefe do Departamento de Polícia Circunscricional (DPC), André Victor do Espírito Santo.

O delegado não deu detalhes de como os trabalhos serão conduzidos e que tipo de informação os investigadores pretendem obter com as novas diligências no escritório do Edifício Denasa. Além do local, a polícia pretende vasculhar outros imóveis da família Villela. A intenção é buscar indícios que possam levar aos suspeitos. Além de ganhar notoriedade por defender o ex-presidente Fernando Collor de Mello, no processo de

impeachment, José Guilherme advogava em questões fundiárias. Os investigadores querem saber se a motivação para o crime tem alguma relação com os casos nos quais ele atuava, o que fortalece a hipótese de que o triplo homicídio tenha sido encomendado.

Até agora, as principais buscas se concentraram somente no apartamento das vítimas situado no Bloco C da 113 Sul. O imóvel foi periciado 10 vezes. O último trabalho, realizado na tarde e noite de sábado, contou com equipes do Instituto de Criminalística (IC) e de Identificação (II). A última apuração de provas teve ainda a colaboração da psiquiatra Conceição Krause, do Centro de Estudo da Mente, departamento vinculado à Polícia Civil do DF e ao diretor do Departamento de Polícia Técnica (DPT), José Ribamar Machado.

Foram mais de seis horas de trabalhos dentro do imóvel. Lá, os especialistas colheram novas impressões digitais e recolheram evidências. A polícia analisa indícios de que o criminoso (ou criminosos) entrou no apartamento 601/602 da 113 Sul para roubar o casal. Porém, a tese de latrocínio só será confirmada nesta semana, quando se inicia a análise dos laudos periciais.

### **OAB no caso**

A terceira semana após a descoberta dos corpos de José Guilherme, Maria Carvalho e Francisca se inicia com o resultado de exames realizados pelo Instituto de Identificação da Polícia Civil, que devem revelar as digitais colhidas no apartamento dos Villela. Outro laudo, divulgado pelo Instituto de Criminalística, vai descrever a dinâmica do crime. Hoje, a Ordem dos Advogados do Brasil (OAB/DF) começa, oficialmente, a acompanhar o inquérito policial. Mas a participação da seção brasiliense da entidade se limitará, por enquanto, ao papel de observadora privilegiada do caso. “Quando houver um dado concreto, a gente entra em ação como auxiliar do Ministério Público num possível processo”, explicou o advogado criminalista Raul Livino, designado na sexta-feira para representar a OAB/DF no acompanhamento do caso.

Sobre as novas apurações no escritório dos Villela, Raul Livino elogiou a investigação coordenada pela delegada Martha Vargas. “Estamos diante de um quebra-cabeças. Todo o fator que não anula um dado é passível de ser investigado”, ratificou.

Todo o trabalho de apuração vem sendo feito pela 1ª DP. A delegada Martha Vargas tem preferido o silêncio a divulgar informações que possam atrapalhar as investigações. Ontem, a movimentação na delegacia foi tranquila. Martha chegou sozinha à delegacia por volta das 20h40. No dia anterior, a chefe das investigações esteve no prédio acompanhada da psiquiatra forense Conceição Krause. “Ela está traçando o perfil psicológico das pessoas que prestaram depoimento”, explicou André Victor.

### **Filha não foi à DP**

Ao contrário do que divulgou o **Correio** na edição de ontem, a testemunha que compareceu à unidade policial na tarde de sábado não foi a filha do casal assassinado, Adriana Villela. A polícia esclareceu que a mulher que chegou à delegacia com o rosto encoberto por um lenço era, na verdade, uma pessoa que se apresentou como informante. “Ela resolveu aparecer na delegacia por conta própria. Dizia ser uma informante, mas não acrescentou nada às investigações”, garantiu André.

A informação de que se tratava de Adriana se deu por causa da semelhança entre elas. A

informante que entrou no prédio tinha o cabelo preto e mediano e as mesmas características da filha do casal. Ela também não deixou a delegacia pela porta da frente, o que despertou desconfiança dos jornalistas. Agentes de polícia ainda deixaram subentendido que era Adriana. “Há muitos palpites nesse caso. Não há vazamento de informação e, portanto, ninguém sabe o que está acontecendo”, reiterou André Victor.

#### **Para saber mais**

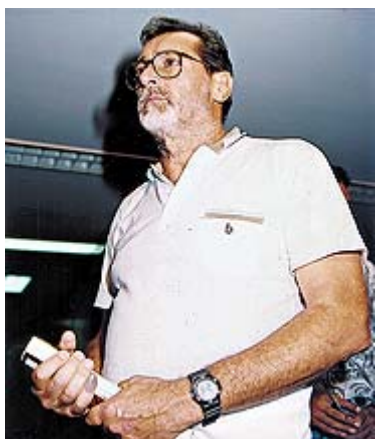
Segundo conclusão do laudo pericial, as vítimas foram assassinadas entre às 19h30 e 20h do último dia 28 de agosto, uma sexta-feira. A empregada Francisca Nascimento teria sido a primeira a morrer, com 22 facadas pelas costas. Ela teria aberto a porta para o criminoso (ou criminosos). Conforme o laudo técnico, Maria Villela recebeu 12 golpes no tórax e o marido, José Guilherme, morreu depois de receber 38 facadas.

6.

## **Polícia admite que a apuração do triplo homicídio está em fase embrionária**

Samanta Sallum

Publicação: 22/10/2009 08:28 Atualização: 22/10/2009 09:56



A cúpula da Polícia Civil se reuniu ontem à tarde para avaliar todas as informações que ajudem a elucidar o triplo assassinato na 113 Sul. Foi realizado um balanço interno do trabalho dos últimos 50 dias, desde que, em 31 de agosto, foram encontrados os corpos do casal de advogados José Guilherme Villela, 73 anos, e Maria Carvalho Mendes Villela, 69; e da principal empregada deles, Francisca Nascimento da Silva, 58. Os homicídios ocorreram em 28 de agosto e as vítimas levaram, ao todo, 73 facadas. No encontro esteve presente o secretário de Segurança, Valmir Lemos. A direção da polícia expôs as linhas de investigação e as perspectivas de desdobramento do caso, já que existe uma cobrança da sociedade para o rápido esclarecimento do crime.

Reportagem do Correio mostrou ontem que após 50 dias os homicídios continuam sem solução e que há mais dúvidas do que certezas no caso. Segundo a polícia, há várias

dificuldades: trabalhar com diferentes linhas de investigação simultaneamente, ter 15 suspeitos, checar as informações fornecidas por meio do Disque-Denúncia e, principalmente, dificuldades em obter a quebra de sigilo telefônico. Parte do rastreamento de chamadas dos telefones das vítimas só chegou ontem à 1ª Delegacia de Polícia (Asa Sul). E as primeiras informações de ligações foram fornecidas pelas operadoras de celular há 15 dias.

O diretor-geral da Polícia Civil, delegado Cleber Monteiro, explicou que é natural a ansiedade pelo desfecho do caso, mas que o tempo de investigação ainda não pode ser considerado demorado. “Devido à complexidade do crime, há muitas informações a serem investigadas”, comentou, após a reunião. Segundo o chefe do Departamento de Atividades Especiais (Depate), delegado Nugolli, a investigação pode ser considerada “embrionária” se comparada às de outros casos que marcaram a história policial de Brasília. Citou, como exemplo, o assassinato de Elizabeth Lofrano em 1992, que demorou um ano para ser elucidado e apontou como autor o marido, José Carlos Alves do Santos (veja quadro abaixo).



"Os laudos sozinhos não vão responder as perguntas do crime. Servem como complemento, um aliado a outras informações de investigação" Cleber Monteiro, diretor-geral da Polícia Civil do DF

### **Papel picotado**

“Fui o primeiro a chegar ao local quando encontraram o corpo dela. Fui um dos responsáveis pelo caso. Passamos meses investigando mil coisas. E foi um pedacinho de papel picotado, em meio a tantas outras peças recolhidas na investigação, que elucidou o caso”, lembra Cleber Monteiro.

Segundo ele, a polícia vem trabalhando em linhas paralelas de investigação e não trocando de tese. O latrocínio, roubo com morte, é a principal delas. “Pode ter ocorrido uma comunhão de interesses, entre gente que queria roubar e gente que queria matar”, aponta Monteiro. A Polícia Civil admite que a investigação pode durar até mais de 12 meses. Não descarta, porém, que uma informação-chave possa aparecer, e a autoria do crime seja desvendada nos próximos dias.

A demora na divulgação de laudos periciais é criticada por quem acompanha a investigação, como a Ordem dos Advogados do Brasil no DF. A entidade cobrou do secretário de Segurança e da cúpula da Polícia Civil pressa na conclusão dos exames das perícias feitas no apartamento 601/602 do Bloco C da 113 Sul, o cenário da tragédia. A polícia não tem muitas expectativas sobre esses resultados. Por exemplo, não haverá como responder se as vítimas foram sedadas antes de serem mortas. Isso devido ao tempo em que os corpos foram achados, passados três dias do crime.

Uma das explicações para o pouco sangue encontrado no local, já que foi grande o número de facadas é o fato de as vítimas estarem muito vestidas quando foram atacadas. Eles usavam vestimentas com tecidos firmes — a empregada vestia cinta, José Guilherme Vilela, terno, e Maria Villela, uma blusa de babados. A roupa teria ajudado a comprimir o sangue. “Os laudos sozinhos não vão responder as perguntas do crime. Servem como complemento, um aliado a outras informações de investigação”, diz Monteiro. A explicação para a demora do resultado dos laudos é que novos pedidos de informação surgem, e, por isso, os peritos voltam tantas vezes ao local do crime.



A polícia divulgou novas fotos dos Villela: nas imagens, Maria usa algumas das joias roubadas do apartamento 601/602 do Bloco C da SQS 113

### Prorrogação

Daqui a 10 dias vence o segundo prazo de conclusão para o inquérito e deverá ser pedida nova prorrogação. Não está decidido ainda se o caso será transferido para uma delegacia especializada, como é o trâmite, se até lá o crime não tiver sido esclarecido. “Ainda estamos no prazo, elucidamos tantos casos complicados, vamos resolver esse. Queríamos esclarecer agora, mas seria um prazo recorde para a história policial”, destaca a delegada-chefe da 1ªDP, Martha Vargas, encarregada da investigação. Ontem, pela primeira vez, a delegada convocou uma entrevista coletiva sobre o caso — apresentou fotos e desenhos das joias roubadas do apartamento da SQS 113 (leia mais na próxima página).

“O fato de não apresentarmos os culpados até agora não significa que a investigação não trouxe resultados. Ao investigarmos um suspeito e depois descartá-lo não deixa de ser um resultado”, explica o delegado André Victor do Espírito Santo, diretor do Departamento de Polícia Circunscricional (DPC). “Precipitação leva inocentes à cadeia. O passado policial já nos mostrou que a pressa não é recomendável nesses casos”, argumenta Nugolli, citando o caso de um inocente que ficou preso três sob a acusação de estuprar uma estudante e matar o namorado dela em Florianópolis (SC).

### Opinião do internauta

Leitores comentaram a reportagem sobre os 50 dias de investigação publicada ontem pelo Correio. Leia alguns trechos:

“Uma investigação não é um cálculo matemático, em que chegaremos a um resultado certo e sabido. Deixem a polícia trabalhar que mais cedo ou mais tarde se chega ao autor.”

Jackson Costa

“A porta do apartamento deveria ser aberta pela equipe dos bombeiros. Deveria ficar um policial preservando o local. Nada disso foi feito. As pessoas que praticaram o ato não são leigas no assunto. Bagunçaram as investigações. Ficou difícil.”

Paulo Guimarães

“Há muita gente assistindo a filmes policiais americanos e achando que a polícia técnica possui ‘bolas de cristal israelenses’ para a elucidação de crimes.”

Nercize Mota

“Muitos outros crimes aconteceram há 50 dias, outros há mais tempo do que isso, como o das três meninas assassinadas entre Ceilândia e Águas Lindas, e a mídia escrita e televisiva não dá a importância mínima a esses casos.”

Mario Serdan

“Vocês não acham que, se os assassinos só quisessem roubar, por que entrariam no apartamento no horário em que todos estivessem em casa? A resposta para esse crime está em quem se beneficiaria com a morte do casal.”

Silvia Lima

“Calma, 50 dias é pouco — e o caso da Ana Lúcia, em que até hoje ninguém foi preso? Há vários outros crimes com anos sem solução, se fosse só a empregada que tivesse morrido, a imprensa não estaria repercutindo o caso desta maneira, há muitos casos nas delegacias sem solução, que tal divulgar mais...”

Waldir Silva

“A polícia precisa quebrar o sigilo telefônico também da empregada, mas atenção, geralmente os empregados sabem demais.”

Albertina Araújo

## Comente esta reportagem

### O tempo de cada investigação

Em 1992, Ana Elizabeth Lofrano foi morta a golpes de pedra e picareta. Depois de quase dois anos de investigação, o marido da vítima, o então assessor de Orçamento do Senado José Carlos Alves dos Santos (foto) foi denunciado como mandante do crime e daí se desvendou o escândalo dos Anões do Orçamento, esquema de desvio de dinheiro público.



"Elucidamos tantos casos complicados, vamos resolver esse. Queríamos esclarecer agora, mas seria um prazo recorde para a história policial" Martha Vargas, delegada-

chefe da 1ª DP

Em 19 de janeiro deste ano, dois moradores de rua foram assassinados a tiros na Praça do Índio, na 703/704 Sul. Dois meses depois, para a polícia um tempo recorde, o crime acabou elucidado. O analista do Banco Central José Antonio Amaral (foto), que morava perto da praça, é acusado dos assassinatos. Está preso. A delegada Martha Vargas, da 1ª DP, esteve à frente das investigações.

Em 15 de março de 2002, o desembargador aposentado Irajá Pimentel, 62 anos, foi alvo de uma tocaia próximo à 216 Sul, onde morava, quando fazia uma caminhada. Foi morto a tiros. O caso demorou um ano para ser esclarecido. Sete envolvidos foram apontados como autores do crime.

Em maio de 2007, Isabela Tainara, de 14 anos, desapareceu quando saiu do curso de inglês no Sudoeste. Foi encontrada morta 45 dias depois em um matagal de Samambaia. Quando o caso estava às vésperas de completar um ano, o autor do crime foi apresentado pela Polícia Civil.

7.

## Casos resolvidos por tabela

Investigação do triplo assassinato ajudou a solucionar um roubo, levou à prisão de duas pessoas e ainda evitou um latrocínio  
CRIME DA 113 SUL

**A** equipe da 1ª Delegacia

de Polícia (Asa Sul) ainda não conseguiu resolver o triplo homicídio da 113 Sul, mas a investigação dos assassinatos levou à elucidação de outros crimes, à prisão de duas pessoas e evitou uma execução. A maioria dos casos começou a ser apurada por meio de ligações anônimas ao Disque-Denúncia (197) da Polícia Civil. Os denunciante deram pistas sobre o provável envolvimento de criminosos nas mortes do casal de advogados José Guilherme Villela, 73 anos, e Maria Carvalho Mendes Villela, 69; e da principal empregada deles, Francisca Nascimento da Silva, 58, ocorridas em 28 de agosto. Por enquanto, a relação dos suspeitos com o esfaqueamento dos três e o sumiço de

**jóias e dólares** dos Villela não foi comprovada.

Uma das denúncias levou a 1ª DP a esclarecer um crime antes de ele ser registrado pela polícia. Dois homens confessaram ter levado mais de US\$ 45 mil de um estabelecimento comercial dois dias antes do triplo assassinato da 113 Sul. O denunciante informou que um dos autores do roubo estaria esbanjando dinheiro em Caldas Novas (GO), a 230km de Brasília. Ele havia se hospedado num hotel de luxo e teria comprado um carro. O acusado continua foragido, mas dois comparsas dele, que também teriam participação no roubo ao ex-local de trabalho, compareceram à 1ª DP na quinta-feira e devolveram o dinheiro. Cada um havia ficado com US\$ 15 mil. Eles responderão por furto qualificado em liberdade.

### Extermínio

Até agora, dois homens estão presos por suspeita de envolvimento

no triplo assassinato. Mas faltam provas para vinculá-los de forma definitiva ao crime. Os primos D. e A. permanecem detidos há três semanas, por acusações de pistolagem e clonagem de veículos. Segundo a polícia, testemunhas viram a dupla e um terceiro homem na 513 Sul na noite em que José Guilherme, Maria e Francisca foram mortos. D. teria dirigido o carro usado na fuga dos assassinos. Contra A. pesa a suspeita de ser o responsável pelos golpes de faca contra as três vítimas. Os dois integrariam, de acordo com a polícia, o Primeiro Comando da Capital (PCC), facção criminosa de São Paulo. D. também seria matador de aluguel ligado a um grupo de extermínio do PCC. Os investigadores do caso Villela encontraram, na casa do primo dele, o suspeito identificado como A., uma lista com nomes e placas de veículos de pessoas que seriam mortas. Um dos alvos seria o então presidente da Cooperativa dos Profissionais Autônomos de Transporte de Samambaia (Coopetram), Noel Santos Abreu. Ele sofreu a tentativa de latrocínio (roubo com morte) em setembro. Abreu foi recentemente destituído da cooperativa devido a denúncias de desvio de verbas e apropriação indébita. Há um inquérito contra ele aberto na 21ª DP, em Taguatinga Sul. D. mora no Riacho Fundo com a mulher e a filha dela. Em conversa com o **Correio**, a companheira dele admitiu que D. esteve no Plano Piloto no mesmo dia das mortes, mas negou que ele tenha qualquer participação na tragédia. O desafio dos policiais da 1ª DP é reunir as provas capazes de vincular os suspeitos ao triplo assassinato. Após 54 dias de investigações, ainda faltam os laudos realizados por peritos da Polícia Civil, por exemplo. No carro apreendido com D., foi coletada amostra de sangue, mas ainda não se sabe de quem é. No entanto, um relatório do Instituto de Criminalística que deve ser encaminhado à 1ª DP nesta semana — conforme reportagem exclusiva publicada ontem pelo

**Correio** — conclui que três pessoas executaram os Villela e a empregada da família. De acordo com o documento, José Guilherme, Maria Carvalho e Francisca foram dopados por um assassino, rendidos por outro e esfaqueados pelo terceiro bandido.

## Depoimentos

A delegada Martha Vargas esteve na 1ª DP, ontem, entre as 16h e as 18h, período no qual ouviu alguns depoimentos. Ela não revelou quantos. “Teve um monte”, limitou-se a dizer.

# Entre as denúncias, alguns inocentes

As denúncias anônimas também já levaram os investigadores a pessoas que, aparentemente, nada têm a ver com o triplo assassinato ou outros crimes. Um pedreiro de Luziânia, a 56km do Plano Piloto, prestou depoimento no caso em 17 de outubro. A polícia o identificou após rastrear as ligações telefônicas feitas pelos Villela — a quebra do sigilo contou com autorização judicial. O homem foi à 1ª DP acompanhado da mulher e escoltado por dois policiais civis. A companheira dele informou ao **Correio** que o número do telefone do marido apareceu em uma das relações de chamadas originadas ou feitas por meio de celular ou telefone fixo, fornecidas pela operadora de telefonia dos Villela. O homem conversou com a polícia na condição de testemunha. No depoimento, o pedreiro confirmou que ligou para o número de José Guilherme cerca de um mês antes do crime, mas teria feito a ligação por engano. Na noite em que descobriram a lista de supostos nomes de pessoas marcadas para morrer e foram à casa de Noel Santos Abreu,



os agentes da 1ª DP levaram algemado à delegacia um pedreiro que prestava serviço na residência do então presidente da Coopetram.

A justificativa: o empregado teria reagido de maneira suspeita à chegada da polícia. Ele prestou depoimento e acabou liberado horas depois, sem qualquer acusação.

Com base em ligação para o Disque-Denúncia, segundo a delegada Martha Vargas, a 1ª DP intimou o prefeito de Planaltina de Goiás, José Olinto Neto, para depor no caso Villela. Ele foi à delegacia em 16 de setembro e deixou o prédio dizendo que não conhecia José Guilherme, nunca havia estado com o ex-ministro do Tribunal Superior Eleitoral e que, no horário do crime, estava em três compromissos oficiais no município

do Entorno. A delegada minimizou o episódio, alegando tratar-se de uma “testemunha indireta”.

Cadu Gomes/CB/D.A Press - 16/9/09

### **Grandes somas**

Além de colares, gargantilhas e outras peças preciosas, sumiu do apartamento 601/602 do Bloco C da 113 Sul uma grande quantidade de dólares — valor não revelado pela polícia. Os bens estavam escondidos num fundo falso na parte superior do closet, em um cômodo separado dos quartos. A estimativa é de que tudo o que foi levado, entre joias e dinheiro, chegue a R\$ 700 mil.

**Prefeito de Planaltina de Goiás chega à 1ª DP: “Testemunha indireta”**

**Número do Disque-Denúncia da Polícia Civil. As pessoas não precisam se identificar no telefonema.**